REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 708

30 DE AGOSTO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe. e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Dias de calor horrivel, logo desde manhã abrasando. Não bole uma folha nas arvores; n'ellas se não ouve o pio d'um passaro. O catavento immovel aponta para leste. Todos offegantes suspiram porque chegue a tarde. Calam-se todas as paixões, apaga-se nos cerebros o pensamento. O capilé é rei, a cerveja imperatriz. Emquanto quasi todos soffrem, folgam apenas os donos de cafés e as limonadeiras do Rocio.

Fim de agosto. Lisboa é como morta, dormindo a longa sesta. De quando em quando, abre um olho para ver um simulacro de toirada, move uma perna em direcção a um arraial; mas não são movimentos voluntarios: apenas uns espreguiçamentos.

E quem fala é só para queixar-se. A enfiada dos logares communs: Que tempo horrivel! — Mil vezes o inverno. — Fins d'agosto são sempre assim. — Antes na Africa.

Os comboios para Cintra e Cascaes andam cheios. E os seus apitos são como troças aos que ficam na cidade, arquejantes, tendo como unico lenitivo os bancos da Avenida, d'onde se ouve cantar na relva sequiosa o repuxo das regas.

A luz electrica estremece nos globos foscos, crepita, apaga-se, e na escuridão passam vultos negros assoprando, familias em rancho, meninas arrastando-se, papás a abanarem-se com os chapéos de palha. O globo vermelho parece uma lua cheia muito ordinaria; crepita outra vez a luz, accende-se. Passa o homem do capilé. A familia repotreia-se n'um banco a ver quem passa. A lua no crescente olha ternissima cá para baixo. É a lua de agosto que tanto os poetas cantaram.

Ó noites de Lisboa
Noites de poesia!

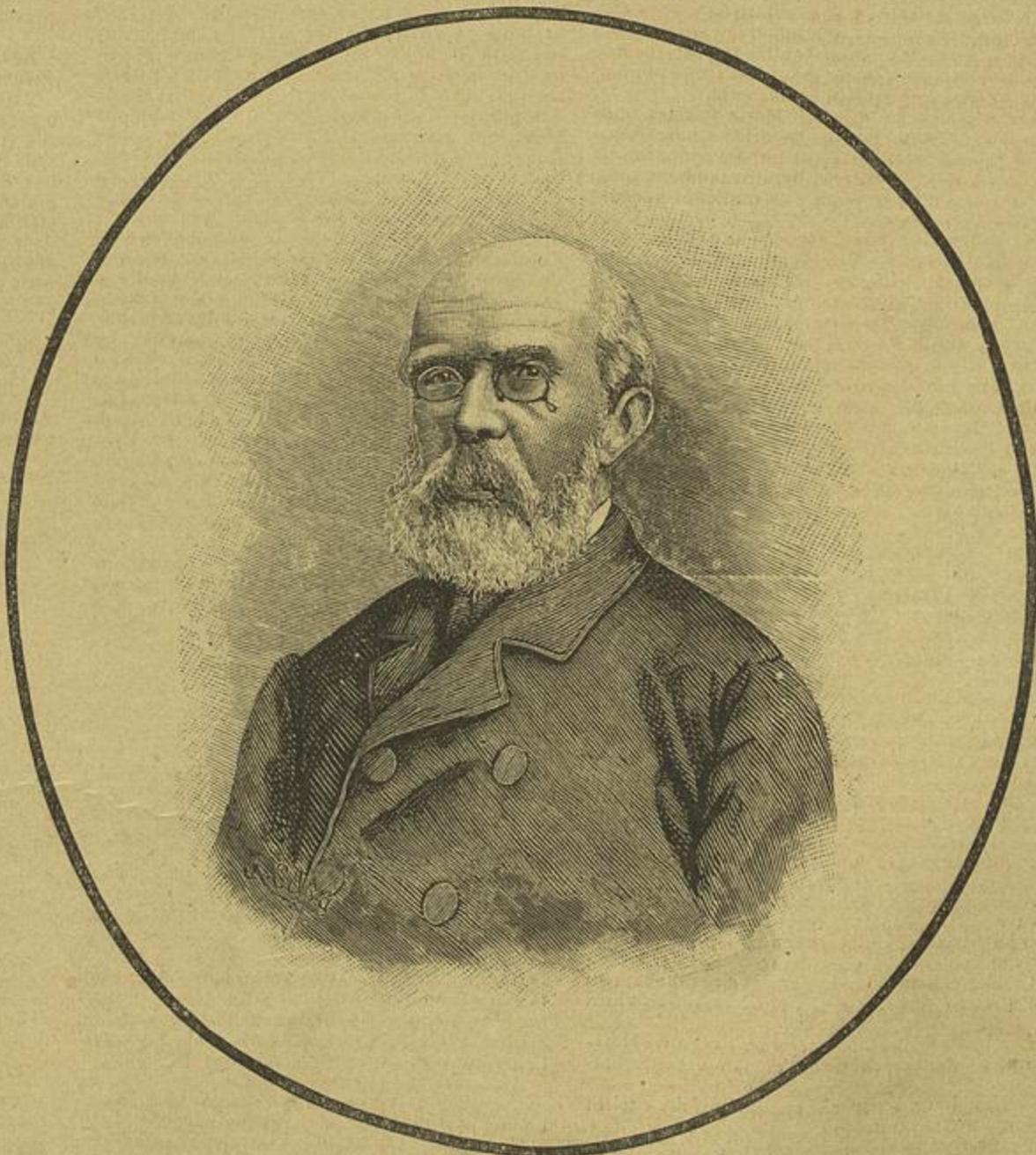
Cai mansamente uma folha resequida, primeiro annuncio d'um outomno que ainda vem longe, tão longe ainda!

E de que ha de falar-se? Que assumpto pode animar uma conversação? Deixou de interessar a guerra de Hespanha; dos politicos, homens felizes, poucos se acham em Lisboa; os negocios do theatro de D. Maria preoccupam apenas a meia duzia dos que se importam com a arte.

Dizemos mal uns dos outros, que é costume velho de portuguezes, se dermos credito ao que dos nossos septimos avós já dizia Francisco Rodrigues Lobo: — «Uma coisa vos confessarei eu, sr. Leonardo, que os portuguezes são homens de ruim lingua.» E n'isto passam as horas os nossos patricios d'hoje, ás mezas dos cafés, ás portas das tabacarias, nos bancos da Avenida, nos carros americanos, nos comboios de cintura, ás esquinas do Largo de Camões, em toda a parte emfim onde dois portuguezes se juntam.

É sestro velho e já sem emenda.

O que d'antes não fomos foi tão mexeriqueiros, se dermos credito a Fr. Luiz de Sousa na sua *Vida do Arcebispo*.

Falando dos prelados com quem D. Fr. Bertolameu dos Martyres teve amizade em Trento, onde fôra assistir ao concilio, conta como a apparente severidade do Arcebispo afastava as visitas, até que lhe conheceram a natural brandura e humildade que a todos mettia na alma. «Achavam n'elle grandes letras e sciencia sem inchação, profundo juizo com affabilidade. Isto ganhava as vontades de maneira, que parecia andavam a competencia a quem se daria mais com elle e o grangearia com maiores mostras de amizade. Uns continuavam com visitas e cerimonias de cumprimentos, outros lhe mandavam mimos que lhes vinham de suas terras, outros lhe communicavam relações de novas e successos de varias partes, que é um genero de passatempo de que se pagam muito os estrangeiros.»

FRANCISCO ANGELO D'ALMEIDA PEREIRA E SOUSA — FALLECIDO EM 8 DO CORRENTE

Se Fr. Luiz de Sousa escrevesse agora, como decerto notaria que esse *genero de passatempo*, distracção de sr.as visinhas, é hoje o mais querido de todos os portuguezes, e que, todos os dias, milhares de linhas de composição, que dariam tres tantos da obra do grande classico, dão trabalho a centenas de typographos, só para que a curiosidade indigena se satisfaça plenamente.

Ruins linguas já nós eramos e ainda não mexeriqueiros. Agora que os dois vicios juntámos, em alguma coisa levaremos a palma a toda a Europa.

Não seria o caso tanto para lamentar, se o assumpto predilecto de todas as maledicencias, não fossem exactamente as coisas portuguezas. Verdade é que cá temos para nos consolar que a mordedura do cão se cura com o pello do mesmo cão.

Pouco os hespanhoes se parecem n'isso comnosco e ainda menos os francezes, honra lhes seja. Já d'estes dizia o mesmo Fr. Luiz: — «São os francezes grandes amigos de tudo o seu, muito unidos em acudirem pelos naturaes, e a cada um lhe parece que tem parte na gloria de qualquer particular de sua patria.»

Assim continuam, assim os vemos ainda hoje pugnar valentemente pelo que é d'elles, ciosos de suas glorias nas armas, na sciencia, nas artes, na litteratura.

Só em Portugal a gloria é uma coisa má, e o vadio o unico homem de quem haja licença para se dizer bem.

A posição invejavel e que todo o homem de bom senso deve manter o tempo que lhe fôr possivel, é a de menino esperançoso. Então sim, emquanto não fizer nada e se mostrar capaz de tudo, hão de dar com elle na cara a todos quantos tiverem feito alguma coisa. Mas desgraçado d'elle no dia em que fôr ministro, tiver elaborado o projecto d'uma ponte, houver publicado um livrinho de contos ou executado uma operação feliz. Que besta!

É o termo.

Por isso Antonio Augusto d'Aguiar, que todos apontavam como o mais apto para ministro das obras publicas, passou a maior parte da vida contentando-se com a gloriola, certo de que sahiria desacreditado das cadeiras do poder. E assim sahiu, como elle mesmo o confessava, rindo por ter sido propheta, e com uma alcunha: — O Passarão da Obra Publica!

Se o calor continuasse intenso como agora, impossibilitando a idéa e o movimento, d'aqui a pouco, segundo a critica vulgar, eramos todos uns genios!

Não fazer nada, eis o caminho para a gloria! Não fazer nada e dizer mal de tudo, eis a unica forma de passar o verão.

Ora querendo nós ser más linguas, não nos faltaria assumpto:

Na politica transcrevendo os trechos com que a *Tarde* e o *Correio da Noite* se atiram ao *Seculo* e depois um ao outro, tal qual como cubanos e americanos contra hespanhoes e o mais que se seguiu:

Na litteratura, indo buscar ao fundo do cadoz os livros d'hontem afogados pelos livros d'hoje, que dentro em pouco hão de ser afogados pelos livros de ámanhã:

Em coisas d'arte, commentando a inepcia da data d'um decreto que reforma um theatro, quando não ha meia duzia de bons actores que não estejam sem collocação definida:

Em coisas de moralidade, contando factos monstruosos, assassinatos, maos tractos, roubos e violencias.

Com tudo o que ahi fica apenas annotado columnas se encheram já, que foram lidas entre bocejos nas mesas dos cafés, nas carteiras das repartições, nos bancos dos americanos, sob as acacias da Avenida.

Nada interessa muito, com este calor asphixiante, em que apenas apetece dormir uma sesta, cheia de sonhos bons, á sombra d'uma arvore copada, emquanto uma nora pachorrenta vai chiando.

Não vale a pena falar, não vale a pena escrever; não ha assumpto que anime uma discussão, não ha graça que descerre um sorriso, não ha invenção que mereça um volver d'olhos. O amigo sol está-nos beneficiando demais e realmente não era preciso tanto. A muita amabilidade ás vezes pesa.

Lembra a historia do cego no Largo do Matadoiro, fugindo espavorido d'umas vaccas tresmalhadas.

— Não haverá por ahi uma almasinha christã que me metta no fundo d'uma escada?

Uma vacca atira-lhe uma marrada com tal força que ferra com o cego por uma porta dentro.

— Muito obrigado, irmãosinho. Escusava de ser com tanta força.

Tambem nós dizemos ao sol:

— Muito obrigado, irmãosinho; mas escusa de estar com tantos incommodos. Já o conhecemos como rei dos astros e sabemos de cór todos os epithetos com o que o têem mimoseado os poetas. Queira conter-se.

Mas o tempo, que tão mal nos corre, vae delicioso para muitos. Estão todas essas terras da beira-mar cheias de gente que se diverte. Cantam poetas conhecedores de mythologias as nymphas que saem do banho. Pequeninos amores de barriguinhas rosadas dão ás pennugentas azas, em volta dos grupos gentis pic-nicando nos pinhaes. Gargalhadas frescas põem os pardaes em debandada. Satyros de monoculos e chapéos de palha passam em bicyclettes. Desce a noite e o espectro do Abbade de Jacente declama sonetos.

Oh! mal haja da França a habilidade,
Que assim nos impingiu os seus costumes
Nas merendas, nos jogos, nos perfumes,
Com que vae estragando a mocidade.

Andarem de continuo em sociedade
Os homens e mulheres em cardumes,
Sem cautellas, receios nem ciumes,
E a isto hão de chamar civilidade!

Olhae, homens coitados, a quem toca
Zelar a propria honra com disvêlos,
Que a experiencia a todos vos convoca:

Vigiae e vereis que esses marmellos
Namoram com os olhos, com a bocca,
Com os pés, com as mãos e cotovêlos!

Este Paulino, abbade, era tambem uma má lingua.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

FRANCISCO ANGELO DE ALMEIDA PEREIRA E SOUSA

O homem que teve este nome e que a morte arrebatou aos carinhos da familia, á amizade dos amigos e ao serviço da causa publica, era a encarnação da honradez e do trabalho alliados a um espirito culto e intelligente, o que fez com que a sua passagem na terra fosse util e abençoada a sua memoria.

Sim, quantos hoje pranteiam a sua falta! desde a familia que muito lhe queria, até o mais humilde subordinado ou operario da Imprensa Nacional, que todos tinham n'elle um pae, um protector, porque o maior prazer do seu coração bondoso era fazer o bem que podia a todos a par da recta justiça.

E como elle amava o progresso das officinas do grande estabelecimento industrial de cuja direcção fazia parte.

Não admira; Pereira e Sousa, que nasceu em Lisboa a 2 de fevereiro de 1827, entrou como amanuense para a contadoria da Imprensa Nacional logo que acabou os seus estudos, o que importa dizer que tinha mais de 50 annos de serviço n'aquelle estabelecimento do Estado, sendo seguramente alli o empregado mais antigo.

Tinha-lhe, por assim dizer, o amor de pae, porque do seu tempo foram todos os progressos alli realizados. Elle iniciou muitos dos melhoramentos introduzidos nas officinas da Imprensa, assistiu a todas as innovações, e tudo que alli se transformou e tornou aquelle estabelecimento modelo, se lhe deve no todo ou em parte.

Espirito culto, intelligencia clara, elle seguia de perto todos os progressos das artes graphicas nos paizes mais adeantados e era o primeiro a indicar ou a apoiar as innovações que convinha introduzir na Imprensa Nacional.

Homem de trabalho incansavel, empregou alli toda a sua vida, e na edade em que em geral todos procuram descansar, trabalhava elle sempre com a melhor vontade, com prazer até, porque o trabalho era o seu elemento.

A secretaria absorvia-lhe as melhores horas do dia, e quantas vezes elle prolongava os seus trabalhos pela noite!

Houve tempo, em que cultivou com assiduidade as lettras, e por 1844 iniciou os seus trabalhos litterarios com uma traducção do *Aventureiro ou o Barba Azul* de Eugenio Sue. Em 1846 publicava a *A Aurora*, folha litteraria de pouca duração, e dois annos depois, em 1848, fundava com o gravador José Maria Baptista Coelho a *Revista Popular*, que logrou vida até 1852 e deixou boa memoria.

Conviveu com os primeiros homens de lettras do seu tempo e todos o consideravam muito. Dirigiu a segunda serie do *Panorama* do editor Lopes. Dirigiu tambem por algum tempo o *Archivo Pittoresco*, quando José de Torres deixou a direcção d'este semanario. Em 1856 fundou-se na Imprensa Nacional uma folha intitulada *A Federação*, e Pereira e Sousa foi um dos mais assiduos e intelligentes collaboradores d'este semanario popular que durou até 1866.

Na sua bagagem litteraria encontram-se ainda: uma excellente traducção de *As Duas Dianas* de Alexandre Dumas, nove volumes; *O Judeu Errante* de Eugenio Sue, cinco volumes; *A Peccadora* de Paulo Feval; *O que quer o povo situação presente*, folheto politico impresso em 1846; dois romances originaes, *Leonor* e *Criminosa ou Infeliz* e um proverbio original, *Não ha mal que se não cure*.

Alem d'isto é numerosa a serie de artigos por elle publicados em jornaes e revistas, a maior parte d'elles anonymos ou com uma simples inicial; tambem são trabalho seu apreciavel, todas as *noticias, memorias e informações* ácerca da Imprensa Nacional de Lisboa redigidos em francez e em inglez, que appareceram por occasião das exposições estrangeiras aonde aquelle estabelecimento do Estado concorreu, merecendo sempre os primeiros premios da sua classe. Era tambem correspondente do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro.

Foi um devotado apostolo da associação; e muito especialmente a Caixa de Soccorros da Imprensa Nacional e a Associação Typographica Lisbonense lhe mereceram os seus melhores cuidados, pois que d'ellas foi protector desvelado.

Toda esta vida de trabalho honrado e prestante valeu-lhe a consideração de uns, a admiração e o respeito de todos.

Pereira e Sousa nunca solicitou graças nem recompensas, que o seu espirito era de todo avesso a essas distincções officiaes que adornam para ahi tantos fatuos e sujos; mas não se pôde eximir a acceitar o grau de official da ordem de Sant'Iago do merito scientifico, litterario e artistico, assim como o de cavalleiro de S. Mauricio e S. Lazaro de Italia. Superior, porém, a todas essas distincções é a memoria honrada que deixou, certamente a que elle mais estimava.

OS NOVOS MINISTROS

Em fevereiro de 1897, pela sahida do ministerio presidido pelo sr. conselheiro Hintze Ribeiro, foi encarregado por El-rei, de organizar novo governo, o sr. conselheiro José Luciano de Castro, o qual formou gabinete com as summidades do seu partido, preferindo os homens mais experimentados na politica e na administração dos negocios do Estado, como exigia a situação difficil em que o paiz se encontra ha annos a esta parte.

E' certo todavia que, decorrido anno e meio de gerencia do ministerio organizado pelo sr. conselheiro José Luciano de Castro, tendo sido dissolvidas as côrtes, eleita nova camara, feita a nomeação de 24 novos pares do reino, e uma recomposição de ministerio com a entrada para a pasta da marinha e ultramar do sr. conselheiro Dias Costa; nada pôde resolver sobre as questões economica e financeira, que são as questões capitaes; antes tudo tem peorado e se tem complicado cada vez mais, a despeito de todos os bons desejos do illustre presidente do conselho.

Tantas foram as difficuldades amontoadas e não resolvidas, que levaram o sr. conselheiro José Luciano de Castro a ir depôr nas mãos de El-rei as pastas dos seus secretarios lembrando por essa occasião ao Chefe do Estado tres soluções para a crise: mudança de situação; recomposição; demissão completa e organização de novo ministerio da mesma politica.

El-rei escolheu a ultima solução e encarregou desde logo o sr. conselheiro José Luciano de Castro de organizar novo gabinete.

N'estas circumstancias, tendo o sr. conselheiro José Luciano organizado o primeiro ministerio com a melhor parte da velha guarda do seu partido, pois que, para a solução das questões que veem assoberbando os governos, seria mister a boa experiencia e capacidade dos velhos conselheiros, e não podendo estes, por ventura, arcar com as difficuldades da situação, pensou, e muito bem, em recorrer a novos elementos.

Assim, do governo que primeiro organizou, só ficou sua ex.ª com a presidencia e pasta do reino, e o sr. conselheiro Veiga Beirão com a pasta dos extrangeiros, que já tinha, entrando para a fazenda o sr Espregueira, para as obras publicas o sr. Elvino de Brito, para a marinha o sr. Villaça, para a justiça o sr. Alpoim e para a guerra o sr. Sebastião Telles.

Que os novos ministros saibam e possam corresponder á confiança que n'elles depositou o presidente do conselho, é o que sinceramente desejamos para bem da nação.

O Occidente, no cumprimento do seu programma, publica hoje os retratos dos novos secretarios de Estado, acompanhando-os com as seguintes notas biographicas.

Conselheiro Manuel Affonso Espregueira. E' pela primeira vez ministro, sendo um antigo parlamentar e presidente da camara dos deputados. Formado em mathematica pela Universidade de Coimbra e engenheiro de pontes e calçadas pela Escola de Paris, foi por muitos annos administrador da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes. Tem desempenhado importantes commissões officiaes e publicado varios relatorios e memorias e, ainda não ha muito, um estudo sobre as finanças portuguezas, em que se pronunciou abertamente contra o systema até aqui usado pelos ministros da fazenda, de recorrerem ao credito como meio de saldar os *deficits* orçamentaes, e mostrou a necessidade impreterivel e inadiavel de realizar as maiores economias, evitando todo e qualquer augmento de despesa.

O sr. conselheiro Manuel Affonso de Espregueira é natural de Vianna do Castello e conta cincoenta e cinco annos. Actualmente acha-se em França, e não obstante ter acceitado o convite do sr. conselheiro José Luciano para a pasta da fazenda, ainda não se sabe quando virá tomar conta da pasta, estando a exercer o cargo de ministro da fazenda, interinamente, o sr. conselheiro Eduardo Villaça, titular da pasta da marinha e ultramar.

Conselheiro Elvino de Brito, sóbe pela primeira vez aos conselhos da corôa, encarregado da pasta das Obras Publicas. Tem largo tirocinio burocratico e parlamentar, e tanto na secretaria como no parlamento tem demonstrado muita actividade e intelligencia.

E' natural da India e estudou o curso de engenharia na Escóla Polytechnica do Porto, donde sahiu para se empregar nas obras de construcção do caminho de ferro do Minho e Douro, na qualidade de engenheiro ajudante. Depois foi chefe de secção na direcção das obras publicas do districto de Villa Real, director das obras publicas da provincia de S. Thomé e Principe e engenheiro adjuncto á direcção fiscal da construcção dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Saraiva de Carvalho escolheu-o para seu secretario particular quando ministro das obras publicas em 1879. Por essa occasião foi eleito deputado pelo circulo de S. Sebastião da Pesqueira, distinguindo-se vantajosamente no parlamento, onde teve sempre a sua cadeira de deputado até a sua ultima nomeação de par do reino.

Obteve por concurso o logar de official do ministerio das obras publicas, chegando a director geral da agricultura.

É tambem professor no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa e membro da Junta Consultiva do Ultramar.

Conselheiro Eduardo Villaça, ministro da marinha e ultramar, e interinamente com a pasta da fazenda, estreia-se nos conselhos da corôa, depois de largo tirocinio parlamentar e burocratico. Tem 46 annos e comtudo parece mais novo. A sua presença é agradavel e insinuante.

É professor de duas escólas superiores, Escóla do Exercito e Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, capitão de engenharia, chefe da repartição de estatistica do ministerio das obras publicas e, ultimamente nomeado para um alto cargo no ministerio da fazenda, collaborou no relatorio do ministro da fazenda transacto, na parte respeitante á estatistica.

Não é pela primeira vez convidado para ministro, e agora acceitou a pasta da marinha, tendo-se negado a acceitar a da fazenda.

Conselheiro José Maria de Alpoim, é o ministro da justiça da nova situação; já o esperava ser no primeiro gabinete organizado pelo sr. conselheiro José Luciano, porque, como jornalista, foi dos que mais se esforçaram para derribar o ultimo ministerio regenerador.

Tem uns quarenta annos e nasceu na provincia do Douro. Formou-se na Universidade de Coimbra, na faculdade de direito. Fundou com os srs. Mariano de Carvalho e Antonio Centeno o *Correio Portuguez* e é correspondente do *Primeiro de Janeiro*, collaborador do *Reporter* e do *Correio da Noite*.

Tem sido deputado em varias legislaturas, exerceu o cargo de primeiro official do ministerio da fazenda e actualmente o de ajudante do procurador geral da corôa.

Sebastião Custodio de Sousa Telles, ministro da guerra, coronel do estado maior, é um dos officiaes mais instruidos e illustrados do exercito. Trabalhador assiduo e persistente, tem conseguido reunir um peculio de conhecimentos que naturalmente o indicavam para gerir a pasta da guerra.

Nunca esteve filiado nos partidos politicos militantes e, em vez de consumir tempo em esterilidades futeis, applicava as horas que lhe restavam dos seus labores officiaes, em estudar as instituições militares extrangeiras e applicar com justo criterio ao nosso paiz, e na devida escala, o que havia de bom lá por fóra.

Como resultado dos seus trabalhos publicou em 1878 a *Organisação do Estado Maior do Exercito*, em 1884 a *Fortificação dos Estados e a Defesa de Portugal* e em 1887 *Introducção ao estudo dos conhecimentos militares*, além d'um grande numero de artigos em diversas revistas scientificas.

No primeiro d'estes trabalhos propôs a creação d'um corpo aberto em substituição do que então entre nós existia, vendo mais tarde realizado o seu desejo, que não é mais que o determinado pelas condições actuaes da sciencia da guerra e defendido habilmente com argumentos irrefutaveis pelo seu esclarecido espirito.

Da segunda obra occupou-se largamente a imprensa extrangeira, e ainda hoje, apesar da extraordinaria modificação por que teem passado as instituições militares, é o que ha de mais completo, sensato e bem estudado no nosso paiz.

A terceira publicação é a mais importante e que elle dedicou ao Sr. infante D. Augusto de que foi ajudante e amigo dedicado.

Este livro foi justamente apreciado tanto no exercito como no mundo civil, sendo considerado pela Academia Real das Sciencias como aquelle a que devia ser conferido o premio D. Luiz.

N'esta importante obra revela-se escriptor especialista e philosophico, pela profundeza de vistas com que condensa descrimina e explica as theorias de A. Comte, Spencer, Liard, Roberty, Dounat e outros sobre a classificação das sciencias, incluindo a sciencia da guerra no grupo das sciencias positivas.

O novo ministro da guerra, tem 51 annos de edade e 35 de serviço no exercito.

A Exposição e Concursos de Alfaia Agricola

OS CONCURSOS — CEIFEIRAS
E CHARRUAS — ALGUMA ALFAIA VINICOLA

Vae longe o tempo em que o nosso lavrador suspeitava que *os acidos* do ferro das charruas originavam ruins colheitas. Ainda assim não são passados trinta annos sobre este juizo critico de agricultura nacional, que em si compendiava a opinião generica sobre toda e qualquer progressiva modificação nos velhos systemas culturaes.

Porem, as provas dadas pela machinaria moderna nos campos de Portugal, foram e são de tal forma concludentes, que por toda a parte o arado e a araveça vão ficando para assumpto de memorias ethnologicas e abandonam a terra á relha potente e á sabia aiveca do charrueco americano, das charruas perfeitas de variadissimos typos.

O que succede com a mobilisação do solo repete-se em todas as operações culturaes e technologicas dos nossos campos.

E basta que se annuncie um concurso de charruas, de ceifeiras, para que os lavradores acudam pressurosos a inquirir qual é o melhor apparelho para as suas explorações.

Haja vista ao que se deu com os concursos valiosissimos levados a effeito durante a exposição.

Um diario da capital, de opinião insuspeita, descreve os da seguinte forma:

«Foi uma verdadeira festa o concurso de machinas agricolas realisado na quinta de Montalegre, do sr. Carlos Anjos. O concurso foi, como já dissemos, um complemento da exposição de alfaia agricola. Póde estar satisfeita a direcção da benemerita Associação da Agricultura pois que se a exposição da Tapada satisfez a todos, e attrahiu a attenção do publico interessado que a visitou, os concursos effectuados constituiram uma festa brilhante e util, pela proficua lição que deram a industriaes e lavradores.

O dia esteve lindissimo, um verdadeiro dia de verão, não demasiadamente quente na quinta de Montalegre, pela brisa nordeste que soprou durante a tarde. A propriedade do sr. Carlos Anjos acudiu um publico numeroso e selecto. Desde manhã, viam se muitos trens parados ao portão da quinta, que tinham conduzido muitos visitantes.

O trabalho dos jurys começou ás 11 horas em ponto, e os concursos só poderam principiar á 1 hora da tarde.

Trabalharam em primeiro logar as «ceifeiras atadeiras», tres typos, duas de «Osborne», levadas ao concurso pelo Centro Agricola Industrial, e uma «Adriance», ultimo modelo, de Nascimento & C.ª

As tres ceifeiras eram puxadas a muares e fizeram um optimo serviço durante meia hora.

Decorrida esta meia hara, o jury mandou suspender por algum tempo os trabalhos, por estarem muito cançadas as muares que puxavam a ceifeira «Osborne», grande modelo, a qual mais propriamente devia ser puxada a bois, sobretudo em terreno inclinado como aquelle em que estava trabalhando.

A «ceifeira atadeira Adriance», de Nascimento & C.ª, puxada a muares, fez um excellente serviço, trabalhando com muita velocidade e atando com muita perfeição.

A «Osborne» grande modelo empaveia muito bem e ata o molho com perfeição, mas por vezes promove o descasulamento do trigo, quando a ceara é muito alta, e se o trabalho não é feito com cautella, de modo a deixar o restolho mais levantado.

Trabalharam depois as ceifeiras simples não atadeiras «Osborne» e «Adriance», das casas Centro Agricola e Nascimento & C.ª O trabalho d'estas ceifeiras foi perfeitissimo, tendo ceifado ambas em um quarto de hora uma superficie superior a 1:000 metros quadrados. A ceifeira «Osborne» dentro do mesmo tempo fez mais 132 metros quadrados que a «Adriance», e o seu trabalho pareceu mais certo e perfeito, sobretudo no empavear.

As «ceifeiras atadeiras», trabalharam novamente puxadas a bois. A «atadeira Adriance» deu mau resultado puxada por estes animaes, por necessitar de maior velocidade para não empapar. As duas atadeiras «Osborne» mostraram tudo de quanto eram capazes puchadas assim mais vagarosamente e com mais certeza. O tempo de ensaio foi de meia hora precisa, ceifando durante este tempo a grande ceifeira «Osborne» uma area de 1:848 metros quadrados. Durante o mesmo tempo a «Columbia Osborne» ceifou uma area de 1:188 metros quadrados. N'este segundo ensaio das atadeiras a «Adriance» teve de parar por motivo de se empapar a principio e se ter quebrado uma pequena peça depois.

O concurso proseguio pelos ensaios comparativos de charruas. Foram apresentadas e trabalharam mais de 50 modelos todos de fabricação nacional.

Foi muita gente assistir ás experiencias das machinas. O aspecto da Quinta de Montalegre era magnifico, sobretudo ao pé da eira, e do hangar onde estavam resguardadas as machinas. O sr. Carlos Anjos tinha na eira duas machinas de debulha Ransomes, um escoralador de milho Hingá e uma locomovel. O movimento de gado e de machinas para um e outro ponto tornava o aspecto do campo muito pittoresco.

Entre outras pessoas, vimos os srs. José Maria dos Santos, Conde de Bertiandos, Conde de Villa Real, Marquez da Praia, Conde de Avilez, Carlos Anjos, Ricardo Shirley, Henrique de Mendia, Ribeiro Ferreira, Oliveira Bello, Sertorio do Monte Pereira, Julio Borges, Borges de Souza, Cincinato da Costa, José de Oliveira Soares (presidente do Syndicato de Evora) Miguel Fernandes (Director da Liga Agraria do Baixo Alemtejo), D. Miguel Vaz d'Almada, Almeida Araujo, João Ignacio Menezes Pimentel (agronomo de Mirandella) e outros cujos nomes não sabemos.

A's 3 horas foi servido um *lunch*, que a Associação de Agricultura offereceu aos membros dos jurys e convidados. O *lunch* foi servido na adega da quinta. O serviço era profuso e variado.

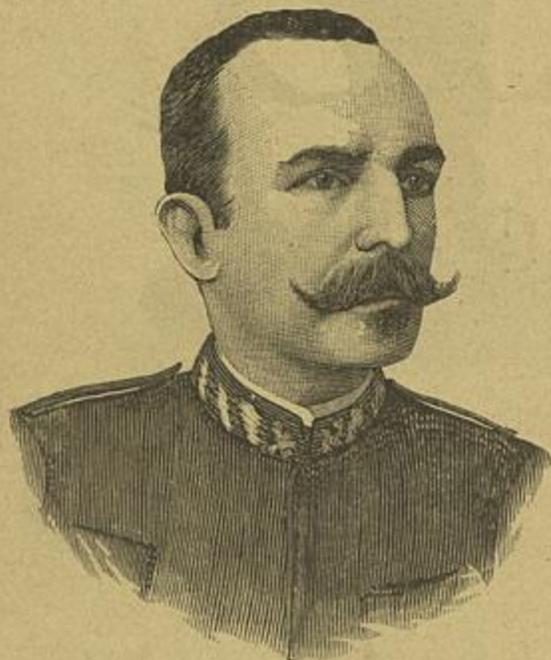
O sr. conde de Bertiandos (presidente da Real Associação da Agricultura), levantou o primeiro brinde a el rei e a sua magestade a rainha. Em seguida, o sr. Carlos Anjos brindou á Real Associação de Agricultura pelos valiosos serviços prestados continuamente á lavoura. Seguiram-se depois os seguintes brindes: do sr. Borges de Sousa (vice-presidente da Direcção da Real Associação) ao sr. Carlos Anjos; do sr. José Soares (presidente do Syndicato de Evora) ao sr. José Maria dos Santos; do sr. Cincinnato da Costa, á união

dos syndicatos agricolas e á união de toda a familia agricola portugueza; do sr. José Maria dos Santos aos agronomos portuguezes e em especial ao sr. Verissimo d'Almeida, um dos ornamentos do professorado e da agronomia; do sr. Borges de Sousa á fraternidade entre agronomos e lavradores; do sr. Sertorio do Monte Pereira ao sr. dendo bizarramente a sua magnifica propriedade para os ensaios, foi alvo de uma grande manifestação de sympathia pela maneira como generosamente se promptificou a auxiliar o emprehendimento da Associação de Agricultura, e a todos deixou penhorados pela maneira amabilissima por que os tratou.»

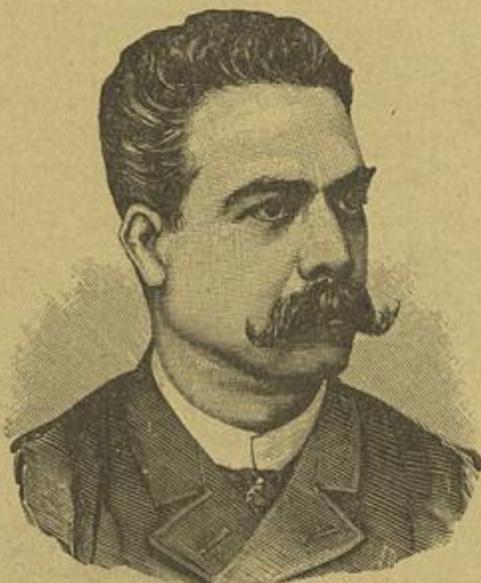
Medalha de ouro N.º 2 Ceifeira Adriance — Nascimento & C.ª

Concurso de charruas

1.º grupo — Charruas surribadoras :
Medalha de ouro Charrua dupla Brabant N.º 2 —

OS NOVOS MINISTROS

CONSELHEIRO CORONEL SOUSA TELLES
MINISTRO DA GUERRA

CONSELHEIRO MANUEL AFFONSO ESPREGUEIRA
MINISTRO DA FAZENDA

CONSELHEIRO DR. EDUARDO VILLAÇA
MINISTRO DA MARINHA

CONSELHEIRO ELVINO DE BRITO
MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS

CONSELHEIRO JOSÉ DE ALPOIM
MINISTRO DA JUSTIÇA

Conselheiro Augusto José da Cunha ministro das obras publicas; do sr. Carlos Anjos ao sr. conde de Bretiandos, etc. Fizeram-se ainda muitos brindes aos promotores da exposição e concursos, á Real Associação de Agricultura, aos lavradores do norte, aos representantes dos syndicatos agricolas, etc.

O sr. Carlos Anjos e seu genro o sr. Ricardo Schirley foram inexcediveis de amabilidade e de attenções para com todos. O sr. Carlos Anjos, ce-

Reunidos os jurys deram as seguintes classificações:

Concurso de ceifeiras

1.º grupo — Ceifeiras atadeiras :
Medalha de prata Ceifeira Osborne Columbia — Companhia Centro-Agricola e Industrial.
2.º grupo — Ceifeiras simples :
Medalha de ouro N.º 1 Ceifeira Osborne — Companhia Centro-Agricola.

Viuva Theotonio José Xavier & F.º, Lisboa.
Medalha de ouro Charrua dupla Brabant N.º 3 — Augusto José Xavier & C.ª, Lisboa.
Medalha de prata Charrua Arroteadora Vernette — Companhia Centro-Agricola e Industrial, Lisboa.
Medalha de prata Charrua Arroteadora Beja de aiveca movel — Companhia Centro-Agricola e Industrial, Lisboa.
Medalha de prata Charrua de subsolo Eckert —

Companhia Centro-Agricola e Industrial — Lisboa.

2.º grupo — Charruas para lavoura funda (aiveca fixa):

Medalha de ouro Charrua Dombasle — Viuva J. P. Marcello & C.ª, Lisboa.

Medalha de ouro Charrua Dombasle—Nascimento & C.ª, Lisboa.

Medalha de prata Charrua dupla Brabant — Henry Von Hafe — Porto.

4.º grupo — Charruas Vinhateiras:

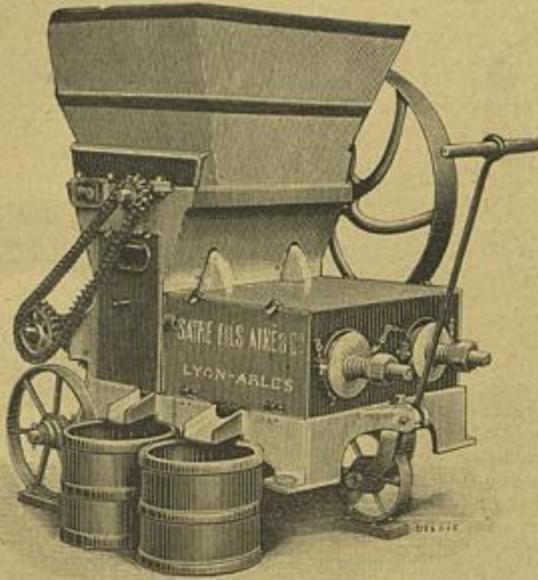
Medalha de prata Charrua Al — Augusto José Xavier & C.ª.

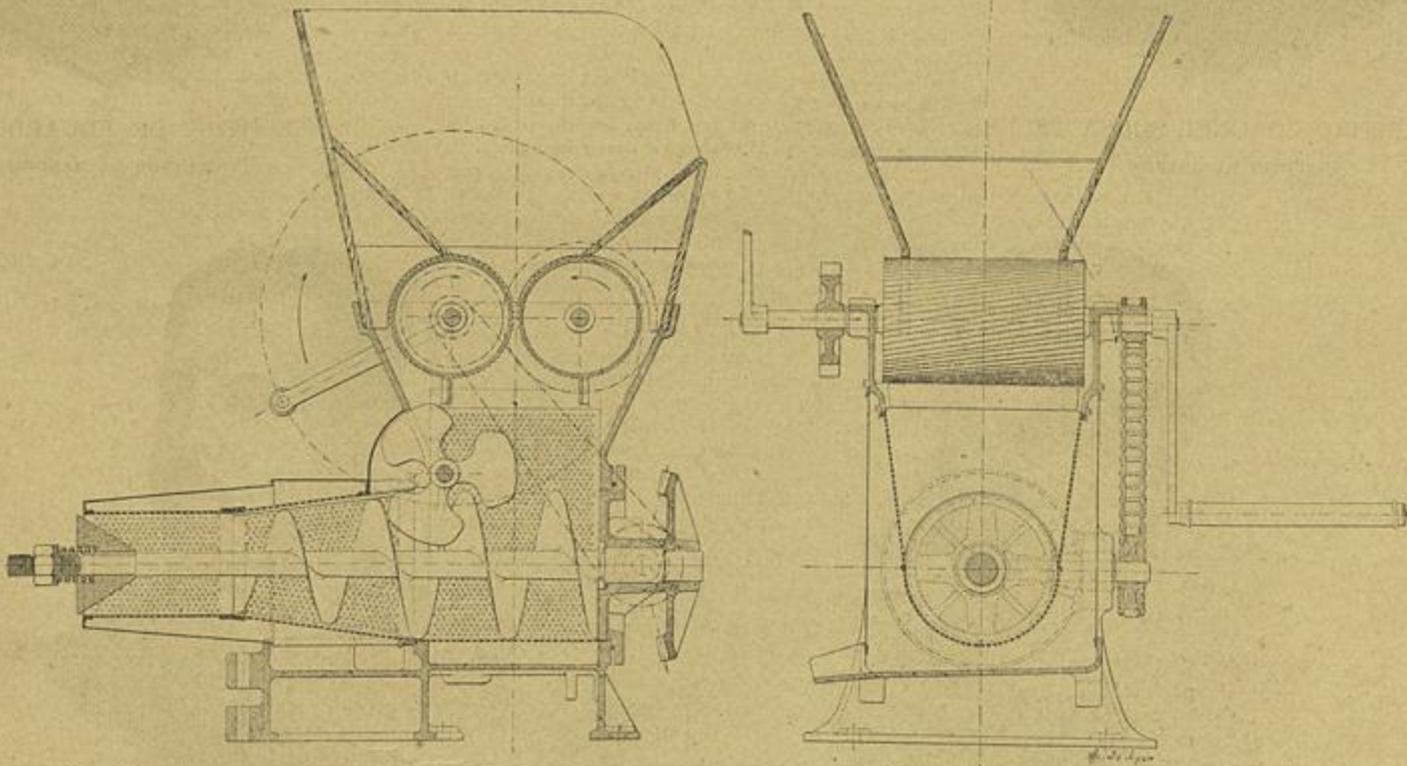
Além d'estes concursos realisaram-se outros de enfardadôras de palha e fêno, d'escaroladores de

tar um acto de pura iniciativa extra-official e a fórma como em sociedade tão pouco habituada a emprehendimentos com aspecto semelhante, é justa e devidamente apreciada a obra de meia duzia de homens cheios de boa vontade, de actividade e de zelo pelo progresso d'uma santa causa.

*

Pena é que nem toda a machinaria exposta po-

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

Prensa esmagador-simples de Satre

Prensa esmagador-duplo de Satre

Corte da prensa de Satre

EXPOSIÇÃO E CONCURSO DE ALFAIA AGRICOLA

Medalha de cobre Charrua Aguia — Companhia Centro-Agricola e Industrial, Lisboa.

Charruas para lavoura funda (aiveca movel):

Medalha de ouro Charrua americana de Eduardo Duarte Ferreira—Tramagal.

3.º grupo — Charruas para lavoura ordinaria:

Medalha de prata Charrua americana — Visconde de Alter — Alter.

Medalha de prata Charrua americana O — Companhia Centro-Agricola e Industrial.

Medalha de prata Charrua americana O — Viuva Theotonio José Xavier & F.º

milho, de limpadores de grão, de tararas e de pulverisadores, na Real Tapada da Ajuda sempre com numerosa assistencia.

Não podemos, porém apontar as classificações porque os respectivos jurys ainda não apresentaram seu veredictum.

E se insistimos em tanto detalhar este capitulo do utilissimo emprehendimento da associação agricola, é justamente porque o temos na alta conta d'um facto orientado por são e pratico juizo.

E se, por outro lado, esmiuçámos a festa a que os concursos deram logar foi para fazer salien-

desse avaliar-se em movimento Mas as plantas e as colheitas a que se destina grande parte d'ella não estando capazes de trabalho n'esta epoca do anno impossivel se tornava operar.

Assim para toda a alfaia oleicola, para toda a alfaia vinicola.

Os esmagadores prensa continua, helicoidal Morineau, da casa Satre Fils Ainé & C.ie, que descrevemos já summariamente n'este mesmo logar e são hoje reproduzidos pela gravura n'O Occidente não poderam ser apreciados em serviço por faltar n'esta epoca do anno a materia prima precisa.

E' para lastimar este facto porque despertaram muita curiosidade nos vinhateiros. Estamos persuadidos que se os resultados corresponderem ao que d'elles se espera quer pela analyse da construcção quer pelo que d'elles nos disse o agente geral sr. J. Colin n'uma clara apresentação publica feita no palacio da Real Tapada de Ajuda, muito serão aproveitadas nas nossas explorações vinicolas.

Revistas francezas de seriedade comprovada que temos presente descrevem-nos experiencias comparativas feitas entre estas prensas e outras em adegas d'aquelle paiz, e das quaes se apura o seu bom trabalho sob os seguintes pontos de vista: rapidez d'esmagamento e de expressão; economia de mão d'obra; reducção do material vinario; rendimento em summo.

Para o fabrico de vinhos de curtimenta não se nos afigura de grande alcance o apparelho por isso que o seu duplo officio continuo tem de ser interrompido pelo meio: primeiro esmagamento, em seguida curtimenta, e só depois expressão da balsa. Ainda assim póde prestar serviço para uma e outra operação separadamente, bastando apenas tirar-se um cylindro para funccionar só como prensa.

Para fabrico de vinhos brancos de bica aberta, quer de uva tinta, quer de uva branca, é que o esmagador-prensa Morineau será de grande utilidade, sobretudo em vinhatarias importantes de inadiaveis necessidades de trabalho rapido.

O apparelho é simples, facil de manejar e de comprehender, e afigura-se-nos de construcção forte e cuidada.

A casa Satre Fils Ainé & C.ie apresenta dois modelos d'esta sua machina:

O *n.º 1* movido a braços convem á generalidade dos proprietarios desprovidos nas suas propriedades, de qualquer outra força motriz e póde trabalhar 1.200 kilos de vindima n'uma hora. Obtem-se maior producção empregando manejo de cavallo — ou motor mecanico.

O *n.º 2* é a juncção de dois apparelhos semelhantes com uma unica tremonha e movido por maior força que a do homem. Para grandes explorações é o que mais convem. Trabalha em cada hora 3.000 kilos de vindima ou seja approximadamente 250 hectolitros de vinho por dia representativos de 83 a 87 % de summo. A força despendida é d'um cavallo vapor. Numeros são estes fornecidos pelo agente geral do fabricante, o sr. Julio Colin, membro da Sociedade dos Agricultores de França.

Alem dos esmagadores prensas que podémos examinar no palacio da exposição, construe a mesma casa de Lyon prensas simples continuas que differem apenas dos apparelhos precedentes em não terem esmagadores. A maior, ou sejam duas prensas conjunctas, póde espremer 4.000 kilos de balsa por hora carecendo apenas d'um cavallo-vapor.

Pelo simples estudo que fizemos dos apparelhos Morineau e nas condições que deixamos exaradas, suppômos que prestariam relevantes serviços n'algumas vinhatarias portuguezas.

E não perdemos a esperança, para sermos confirmados em nossos vaticinios, em vermos trabalhar os esmagadores-prensas na proxima campanha vinicola, pois sabemos que o sr. Colin deixou representante em Portugal e tem verdadeiro empenho em apresental-os trabalhando.

*
* *

Como excellentes provas da perfeição do fabrico metallico entre nós, de progresso technico na educação do vinho, apresentaram se na exposição dois œnothermos ou sejam pastorisadores ambos de serpentina e camara cylindrica, de construcção nacional.

Eram expositores as casas Frederico Collares & C.ª e Henriques & Irmãos.

Desde que Pasteur estudou com as suas extraordinarias faculdades de investigação e depois divulgou a descoberta de Appert sobre a conservação de grande quantidade de substancias alimentares por meio do aquecimento, logo se applicou ao vinho tão efficaz processo, que tomou o nome do seu illustre propagandista.

Logo os constructores trazendo o systema para a pratica das adegas e dos armazens de vinho inventaram uma infinidade de apparelhos destinados a pôr ao alcance de vinhateiros e commerciantes este methodo de conservação eminentemente scientifico.

Para o aquecimento em garrafas adoptaram-se caldeiras moveis ou fixas para banho-maria ou apparelhos aquecidos pelo vapor, de aquecimento intermittente e de aquecimento continuo. Entre estes o do sr. Gasquet é digno de nota.

E seja ditto de passagem que o aquecimento do vinho engarrafado attinge muito mais o seu pleno effeito por isso que o liquido não volta ao contacto do ar.

Para o aquecimento continuo em massa idearam-se os *pastorisadores*, que obedecendo a certas regras, fazem optimo serviço.

Pode dizer-se que todos elles giram em torno de tres typos: ou são de feixes tubulares, ou de serpentina, ou de compartimentos cylindricos ou helicoidaes.

Serão estes porventura os de superior utilidade pelo seu maior rendimento em egualdade de dimensões, mas os mais usados são os dos outros typos, de mais facil construcção e portanto mais baratos alem de melhor se prestarem aos cuidados de conservação e limpeza.

Os dois que se apresentaram na exposição de alfaia agricola alliam a serpentina com a camara cylindrica e pareceram-nos optimamente pensados e executados. O pastorisador dos srs. Henriques & Irmãos encontrou logo comprador n'uma importante casa de negocio de vinhos, a do sr. José Guilherme Macieira e dada a competencia profissional d'este cavalheiro, tal acquisição constitue um elogio para o constructor.

Conhecida a imperfeição de fabrico de muitos vinhos nacionaes que trazem em si desde o começo da sua vida germens ruins, a divulgação d'estes apparelhos constitue uma boa obra pois que evita esse cruel systema usado vulgarmente de estragar optimas qualidades vinicolas afogando em alcool qualquer ameaça de doença proveniente quasi sempre do desleixo com que é fabricado o vinho.

O aquecimento de 55º a 65º, segundo a composição do vinho, quando esteja de posse de todos os seus caracteres e tenha completada a fermentação alcoolica, é quanto basta para inutilisar os fermentos da toldagem, os *Mycodermas aceti* e *vini*, sem se destruir a levedura alcoolica que póde ser de grande necessidade para quando um vinho se apresente com assucar por desdobrar.

Vinhos de constituição média não exigem para a sua esterilisação commercial, permitte-se-nos o termo, a temperatura muito elevada; será sufficiente a de 60º. Aos 65º deverá chegar se com os vinhos fracos em alcool ou em acidos e bastará 55º para os mais ricos.

Estas temperaturas são regularisadas nos pastorisadores, que tanto melhores serão quanto mais arrefecerem os vinhos após o aquecimento até á temperatura desejada. O vinho deve ser aquecido e esfriado com rapidez, no mesmo apparelho, por forma que não se apresente ao contacto do ar antes de baixar consideravelmente a temperatura attingida no pastorisador.

Sob este aspecto parece-nos que deve ser mais perfeita a disposição do onothermo dos srs. Henriques & Irmãos.

Seria muito para desejar que tanto esta casa como a dos srs. Collares & C.ª organisassem ensaios por forma a poderem informar conscienciosamente o publico sobre a quantidade de trabalho dos seus pastorisadores, regularisação de aquecimente e temperatura de sahida, etc.

Estamos certos que o sr. José Guilherme Macieira se prestará com muito gosto a executar uma serie d'experiencias no pastorisador que adquirio na fabrica Henriques.

A commissão organisadora da exposição não teve meios, nem installações, nem tempo para realisar taes estudos, apesar dos seus bons desejos.

D. Luiz de Castro.

Quarto Centenario da Instituição da Misericordia de Lisboa

II

A FUNDADORA

Da bondosa figura da rainha D. Leonor, cuja memoria abençoada por gerações successivas de indigentes, chegou até nós envolvida n'um manto de bençãos e aureolada pelo supremo diadema de santidade, diz-nos o seu illustre biographo: «e assistindo ao reinado de seu esposo e de seu irmão o rei D. Manuel presenciou o mais esplendido periodo da monarchia portugueza. Teve a ventura de vêr o apogeu da gloria de Portugal, contemplando o desenlace d'esta epopéa maritima das viagens e descobertas que immortalisaram os portuguezes nos seculos XV e XVI e passada a qual começa a decadencia, parecendo desempenhar o papel que a Providencia havia destinado a estes reinos, no cumprimento dos grandes destinos das nações e no progresso da civilisação » ([1])

Obedecendo sempre aos impulsos piedosos do seu coração e aos conselhos do seu veneravel confessor, fundou a Rainha, além do hospital e thermas das Caldas, de que já falamos, cinco mercearias, onde se acolhiam senhoras pobres e desvalidas; — fundou o convento da Annunciada e mandou construir o convento de Xabregas, para vinte religiosas da ordem mais rigorosa, a de Santa Clara, depois restaurado por D. João III e vulgarmente conhecido pelo convento da Madre de Deus, esse primor architectonico, onde ainda hoje se vê o antigo portal, encimado pelas divisas da rainha, sua fundadora.

Tambem fundou a egreja da Merceanna e influiu bastante na construcção das incomparaveis capellas *imperfeitas* do convento da Batalha, onde se destinava preparar a sua derradeira jazida. A obra ficou porém por acabar, sendo esse o motivo porque, como adeante referiremos, a excelsa rainha foi sepultada na Madre de Deus, restando apenas na Batalha o mausoleu incompleto e vasio a inspirar ao illustrado architecto inglez James Cavanah Murphy as seguintes palavras que bem demonstram qual era fino gosto artistico d'aquella extraordinaria construcção: — «O tumulo da piedosa rainha D. Leonor, na capella destinada á sua sepultura e do seu esposo, allude á sua ternura maternal. Representa um pelicano abrindo as azas. É pena, na verdade, que um monumento que tanta honra faz á industria do homem, ficasse por acabar. Se não fosse a morte da rainha, os seculos hodiernos, a julgar pelo que se vê feito n'aquella obra, teriam a ufania de possuir um mausoleu nada inferior em grandeza e em architectura aos dos famigerados seculos da antiguidade. O nome de Leonor teria chegado á posteridade com o de Artemisia.» ([2])

De facto o espirito culto da rainha, ao mesmo tempo que se entregava a obras de piedade, acompanhava o grande movimento da Renascença, tão intenso no meio em que ella viveu, n'essa côrte faustosa, onde os paços reaes eram verdadeiras academias em que se discutiam e cultivavam as sciencias, as artes e as lettras. Alli se viam os nossos mais preclaros geographos, a par dos historiadores, dos poetas inspirados e dos nossos primeiros actores. As mesmas salas onde os sapientes cosmographos discutiam as probabilidades dos descobrimentos e viagens, transformavam-se nos dias dos grandes festins palacianos em tablado onde se representavam os primeiros tentamens da nossa arte dramatica. Estes inicios do theatro nacional encontraram tambem na rainha D. Leonor uma disvelada protecção.

Começava por aquelle tempo a introduzir-se em Lisboa esse admiravel invento, por meio do qual o pensamento humano, fixado em livros, se transmitte passando de mão em mão a gerações inteiras, imortalisando a idéa e perpetuando, eternisando os productos gloriosamente bellos do intellecto. O invento de Guttenberg, trazido para Portugal começava a funccionar, nos seus processos ainda então rudimentares, dando á estampa muitas obras piedosas e entre ellas algumas de grande valor litterario.

Approvou e admirou a intelligente princeza este progresso importantissimo e desde logo o patrocinou com o seu valimento. Ainda em fins de seculo XV promovia ella a impressão da *Vita Christi* e poucos annos depois, já em começos do seculo XVI a dos *Autos dos Apostolos*, o *Espelho de Christina* e o *Boosco deleytoso*.

D'esta forma ella cuidava a um tempo nos actos de caridade e beneficencia como lh'os pedia o seu coração bondosissimo, e no desenvolvimento da civilisação portugueza, pugnando intelligentemente e auxiliando efficazmente com o seu valioso e tutellar auxilio, todos os esforços tendentes a aperfeiçoar e desenvolver a nossa arte, a nossa litteratura e a nossa sciencia.

Altos dotes de virtude, altos dotes de intelligencia e de educação.

Era a rainha D. Leonor, um d'estes espiritos privilegiados, que providencialmente collocado na eminencias de solio real, poude exercer em larga escala os impulsos de seu coração e os appetites intellectuaes de seu espirito culto.

E' bello vêr, diz o visconde de Castilho, como todos os antigos escriptores portuguezes se *compoem* ao mencionar o seu instituto caridoso; percebe se-lhes na voz o respeito á Fundadora; cada um leva uma homenagem a essa admiravel mu-

([1]) F. F. Benevides, Rainhas de Portugal.
([2]) J. Murphy — Travels in Portugal.

lher, como quem depõe uma palma e uma saudade na campa humilde em que Ella dorme, acolá, na Madre de Deus. E' bello ver como a sua alma ainda hoje está beneficiando este Portugal que ella tanto amou!» (³)

Repousem em paz eterna, e na eterna memoria da humanidade, os restos mortaes da formosa rainha, nesse elegante convento da Madre de Deus, que ella propria com tamanha devoção fundou. Debaixo de uma simples lapide de pedra, sepultura humilde, escondida nos claustros do soberbo edificio, jaz a virtuosa princeza. Um epitaphio egualmente simples e modesto, revela ao visitante curioso, a existencia de tão preciosas reliquias. Diz apenas:

«Aqui está a rainha D. Leonor,
«mulher d'El-rei D. João o II.
«Fundadora d'este convento.» (¹)

A Santa Casa da Misericordia de Lisboa, nunca esquecendo a grata memoria da sua augusta fundadora, ainda hoje celebra na sua egreja, exequias solemnes, no dia do fallecimento da santa princeza, bem como no dia de fallecimento de El-rei D. Manuel, o soberano que generosamente acedeu ao pensamento da virtuosa Rainha e tanto concorreu para dotar e enriquecer a nascente instituição pia.

Assim o determinavam tanto o primitivo compromisso como o reformado de 1618 estabelecendo que nos dias 12 e 13 de dezembro e 16 e 17 de novembro se celebrem as vesperas e sahimentos por alma da rainha D. Leonor e rei D. Manuel.

Perdeu-se um documento precioso que poderia derramar alguma luz ácerca das intenções da rainha e ácerca da sua utilissima instituição. Referimo-nos ao testamento de D. Leonor, cujo original se não conhece, e do qual se não encontrou ainda copia; apenas alguns trechos publicados por fr. Jeronymo Belem na sua *Chronica Seraphica*, nos denunciam a existencia d'elle.

E porém no convento da Madre de Deus que se perpetuaram até nós varias reliquias da santa rainha. Alli se conservou até ha pouco tempo um livro de *Horas* em que ella orava, valioso exemplar em pergaminho, com illuminuras, actualmente depositado na Imprensa Nacional.

É tambem n'aquelle convento que se encontram os retratos tidos como mais authenticos da veneranda Princeza.

Em um quadro da Sacristia, que representa a trasladação de Santa Auda, vêem-se entre outras as figuras de D. João III, D. Catharina e D. Leonor. N'um valioso relicario que figurou na Exposição de Arte Ornamental tambem se vê uma cabeça de mulher que tem sido considerada como effigie da Rainha. Finalmente, no grande quadro que existe no côro de cima, e representa o panorama de Jerusalem, quadro com que o imperador Maximiliano I de Austria, presenteou D. Leonor, vê-se a um lado a figura d'aquella Rainha, trajando o habito das freiras de Santa Clara que ella costumava vestir, ajoelhada em frente de uma estante. Foi este retrato que o sr. Francisco da Fonseca Benevides considerou authentico e mandou photographar e depois reproduzir, em Paris, na magnifica gravura de Burgem com que o OCCIDENTE no seu ultimo numero brindou os seus leitores, acompanhando o nosso primeiro artigo commemorativo do Centenario da fundação da Misericordia de Lisboa.

Victor Ribeiro.

OURO ESCONDIDO

NOVELLA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

—

(Continuado do numero anterior)

XXII

Que começa com a néve e acaba com um raio de sol

A nevada do dia 1 de março foi uma nevada magnifica; jámais se vira outra egual em todo o inverno.

Os hospedes, reunidos por detraz das vidraças da galeria, contemplavam a neve que, depois de ter coberto a planicie visinha e as collinas que a cercavam, os montes longiquos; de haver subterrado a erva e transformado grotescamente as estatuas de barro cosido, adorno do jardim, continuava a cahir alegre e tranquillamente, como se principiasse então a festa.

— Não acaba tão cedo — observa o doutor.

— Tem muita coisa a fazer, respondia o Romulo. — permittir aos germens que se desenvolvam debaixo da terra, e a nós que permaneçamos aqui com medo do rheumatismo.

Isto, porém, já estava feito. Que mais teria a neve que fazer?

— Muita coisa! — repetiu o Joaquim; avolumar às molduras á cornija alli da casa fronteira que parece construida por um professor de calligraphia; reparem agora n'aquelles frisos tão mesquinhos, n'aquelles filetes minusculos, apagados ou corrigidos pela neve Que lições de architectura! E não é só isso; enfia um barrete de cosaco em cada chaminé; poupa ao gralho a brincadeira de forrar de falso algodão em rama o seu ninho do anno passado; applica um remendo luzidio a cada arranhadura da parede, e sem fazer distincção, encanece as arvores todas, quer sejam calvas quer conservem a verde cabelleira.

E contemplavam todos aquella mascarada fantastica da natureza. Em cada flôco de néve que se amontoava no peitoril da janella, que fustigava a vidraça ou apagava uma côr, via o Romulo suspensa uma particula do seu passado melancolico e o doutor Roque o seu rheumatismo.

Quanto ao Joaquim, esse, dizia á Tranquillina que observasse este ou aquelle phenomeno burlesco que ante seus olhos se realisava; fazia as honras da nevada tão conscio e desvanecido como se ella cahira ao seu mandado, e com ares de quem dizia para o Padre Eterno:

«Continúe, continúe; que eu pago.»

A Amalia contemplava, attenta, a neve, talvez attenta de mais, pois nem a via nem ouvia o que ao pé d'ella estavam dizendo.

Não estava alli o Frederico. Havia mais de uma hora que o procurador e o gerente o tinham sequestrado no escriptorio afim de o iniciarem nos mysterios da contabilidade e das praxes judiciaes. Tratava-se, ao que parecia, de resolver, de commum accôrdo, o melhor modo de pagar aos crêdores com a fazenda de Turiano sem perder a mesma fazenda.

Inclinava se o procurador a tentar uma bôa demanda para dar tempo ao gerente de accommodar economicamente os negocios do seu cliente; o gerente, porém, não pensava do mesmo modo, por lhe palpitar que o Frederico, de futuro, propunha-se a ser administrador unico do que era seu.

Discutiam todos tres. O Joaquim, que por duas vezes se aventurára a aproximar-se da porta e a espreitar pela fechadura como qualquer rapazito, achava-se reduzido a impertinentes conjecturas.

— Pobre Frederico! — exclamou, de cada vez: lá está elle, muito direito, ao pé da janella, pallido como um defunto; falla, está escutando com resignação de martyr.

Abriu-se, por fim, a porta da camara de conselho, e sahiu o procurador; ostentava certo ar melancolico que lhe ficáva assaz mal, e que elle usava com o enleio com que usamos um fato novo e de corte extravagante.

Aproximou se gravemente, comprimentou algo mais gravemente, e afastou-se muito mais gravemente ainda.

Momentos depois, abriu-se de novo a porta do terrivel aposento perante os olhos assustados dos hospedes, e sahia ás furtadellas o gerente com agitação tal, que mal acertava a pôr o chapeu na cabeça.

O doutor Roque, a Tranquilina e o Romulo, olhavam uns para os outros, perguntando-se em silencio: «Que significa tudo isto?»

A Amalia, entretanto, contemplava a neve sem a ver, e o Joaquim aproximava-se da porta do citado aposento, levantava o fecho sem cumprimentar, e introduzia pela abertura o seu corpinho.

— Frederico! — disse para o mancebo, que continuava de pé junto á janella, e com a cabeça pendida sobre o peito.

— Frederico — tu que tens?

— O que tenho? — Nada! — respondeu, mas sem se mover.

Entretanto, o Romulo, e atraz d'elle o doutor Roque e Tranquilina haviam entrado no escriptorio. A Amalia ficára á entrada.

— Pode entrar, minha senhora, pode entrar; eis aqui o que ha — proseguiu o Frederico com extranho accento. — Julguei que ainda era rico, e sabidas as contas, não me resta coisa alguma. Tornámos a fazer as contas com maravilhosa exactidão; vejam, isto tudo são cartas de credores que chegaram, com a neve, esta manhã; é outra nevada que só de a ver faz frio: pagos todos estes debitos, restam-me ainda debitos que não poderei pagar; os teus dez mil francos, Romulo, os teus cinco mil, Joaquim e talvez que ainda uma ou outra bagatella.

Estas palavras, pronunciadas com fingida jovialidade, resoaram de modo lugubre nos corações de todos. Houve um instante de silencio, durante o qual a Amalia conservou fixo o olhar n'um ponto da parede afim de dissimular a commoção, sem o conseguir, porém, e deixou cahir a cabeça sobre o peito.

Quando a tornou a erguer, dizia o Frederico ironicamente:

— Se acaso me resta alguma esperança? Oh! sim, é meu tio Paulo. Fez-se passar por pobre, mas deve ser rico; é avaro, já muito velho, não tem filhos e adora-me. Resta me pois a esperança de que tenha a amabilidade de marchar quanto antes para o outro mundo... o que já é alguma coisa!

Pronunciava estas palavras com accento tal, que não podia deixar a minima duvida ácerca de suas tenções, nem mesmo ás pessoas que lhe desconhecessem a altivez do animo.

Ninguem respondia. O Frederico proseguiu:

— Querem saber até que ponto me adora meu tio Paulo? Oiçam pois a carta que elle se deu pressa em escrever-me assim que soube da minha desgraça:

Querido sobrinho:

«Consta-me que estás arruinado, e não me admiro. Deves estar lembrado do que te vaticinei...»

— Já por aqui vêem o empenho que elle tem de que conste, e se não diz que muito se alégra por ter acertado, é porque me adóra...

«Quizeste collocar os teus capitaes segundo o teu capricho, soffreste o castigo. Não fallemos mais n'isso: quando já nada te reste, espero que te lembrarás de teu tio: não tenho familia, sou deveras teu amigo, e terei muito gosto em te ver sentado á minha meza. Sinto não poder offerecer-te outra coisa, mas, bem sabes que não tenho dinheiro. Quando eu morrer, se tiveres juizo, ficar-te-ha o sufficiente para poderes viver como eu vivi, com economia.

Teu tio, affect.^mo^.
Paulo».

O nome do tio Paulo espirava nos pallidos labios do Frederico, quando o Joaquim, saltando como uma molla, e demonstrando ser elle o unico que mantivéra dominio sobre o systema nervoso, disse, ou antes, gritou:

— Uma ideia!

E ao estrondear estas palavras em meio do desalento geral, sendo como era tão pequeno, assumia as proporções de um colosso.

— Oiçamos essa ideia — disse o doutor Roque, mastigando as palavras.

N'aquelle momento, porém, appareceu o creado annunciando a visita de dois sujeitos, cujos bilhetes trazia.

— *O Engenheiro Enéas Ferry.* — leu o Frederico com voz sumida e como que fallando a si proprio, accrescentou: — Chega em boa occasião!

— Dirigiu um olhar indifferente ao outro bilhete, leu em alta voz: *Sabino Martelli*... e como quem se não recorda, repetiu: — *Sabino Martelli?*

— De repente, dir-se-hia que luz tétrica lhe illuminára o semblante, afogueado, primeiro, e, logo, pallido.

— Que entrem — balbuceou.

Sahiam todos: o doutor Roque fôra já ao encontro do engenheiro, afim de o entreter; os demais ficaram na galeria; entrou afinal esse formidavel Sabino Martelli que apenas com annunciar a sua pessoa, fazia tremer a gente,

Era um homemsinho minusculo, assaz entrado em annos, de physionomia bondosa e olhos que pareciam saltar.

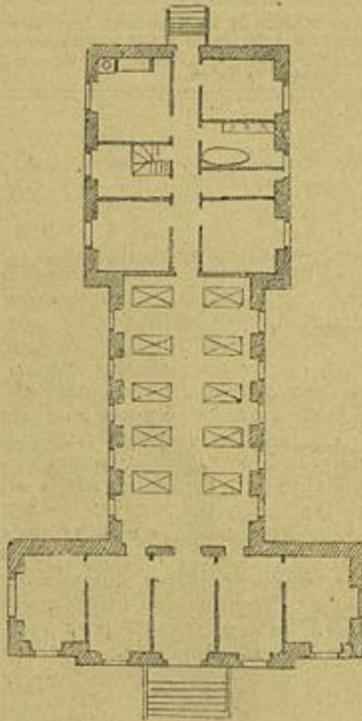
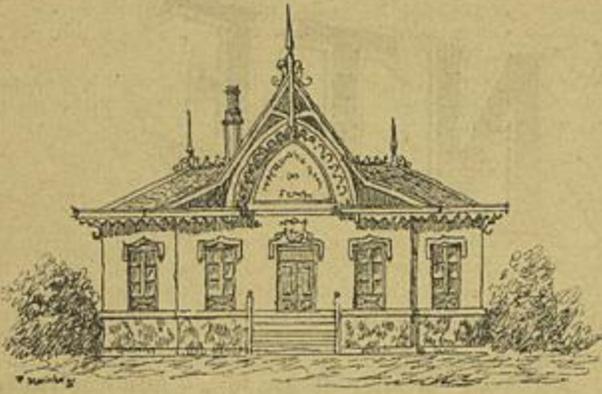
— Quem diria que com aquelle ar de coelho!... — observou o Joaquim.

— Não proseguiu. porém; ouvia-se a voz do Frederico alterada pelo tremor, posto não se entendesse o que estava dizendo.

Dos quatro nenhum respirava: passado um quarto de hora, sahiu do escriptorio Sabino Martelli; parecia ter-lhe minguado o corpinho muito mais ainda, e choravam-lhe os olhos que nem duas bicas.

— Que aconteceu, senhor Sabino? — que lhe succedeu? — balbucearam o Romulo e o Joaquim indo-lhe ao encontro; Amalia e Tranquilina entretanto, immoveis, nem sequer respiravam.

---

³ Ribeira de Lisboa, pag. 207.
⁴ Gabinete historico, vol. II pag. 144.

Projecto para a construcção do Hospital de Santo Antonio — Alçado e planta pelo sr. J. Parreira

— A mim, nada — respondeu o Sabino mas a elle! — coitadito!

— O que ha? diga!

— Vi-o nascer; estáva a servir em casa do pae... trouxe-o ao collo... tinha poupado uns cobresitos para o dote d'uma filha que tenho, mas o Senhor Frederico, um dia, precisou de dinheiro para uma compra e eu dei-lhe o que tinha; ficára combinado que m'o restituiria assim que eu o necessitasse. Que eu cá por mim não me faz falta... até que a pequena venha a casar... mas elle agora está arruinado... os outros crédores teem papeis, teem boas hypothecas, hão-de ser os primeiros a receber, e eu, ao depois, fico a olhar ao signal...

— Quanto é que elle lhe deve? — perguntou o Romulo.

O senhor Sabino fez um gesto negativo como se adivinhado tivesse a intenção da pergunta, e recuperando algum alento, proseguiu:

— Não me afflijo por minha causa, mas sim por elle. Se os senhores soubessem .. «Sabino» — me disse elle, agarrando-me nas mãos, assim... — «estou vendo agora que sou mais desgraçado do que suppunha... nem sequer me resta o direito de morrer: a minha vida pertence-te: viverei para ti, Sabino, e juro-te que a tua filha hade ter dote... Tenho dois braços, para trabalhar — disse — trabalharei... e antes que eu tivera de .. e antes que eu tivera...»

Quando chegou a este ponto não bastavam ao sr. Sabino Martelli duas lagrimas, que nem bagos de uva, que lhe escorriam pelas faces; teve de metter um dêdo na bôcca e apertal-o entre dentes para suffocar um soluço.

O Joaquim e o Romulo continham-se para o não animarem a proseguir em tão contagiosa ternura.

— Não chore — homem — não chore que para tudo ha remedio — proferiu o Joaquim — diganos quanto é que elle lhe deve.

— Mas os senhores não vêem — exclamou o Sabino — que é uma fortuna do ceu que esse pobre menino me não possa pagar. Elle mesmo o disse... Não é dôno da sua vida... e se o fosse, sabem o que faria?... Ah!

O senhor Sabino Martelli enxugando as lagrimas, proseguiu:

— Lá quanto ao dinheiro não me dá cuidado. O Frederico está são e escorreito: tem um tio que morrerá seguramente primeiro que elle; serei então embolsado e elle outra vez rico. Mas... até então? Elle não quer ir viver com o tio..

Haviam chegado ao patamar e começavam a descer a escada: a Amalia, não obstante, parou, depois retrocedeu a passo lento, e foi sentar-se na erma galeria.

D'ali a nada girava nos gonzos a porta do escriptorio e apparecia o Frederico, pallido de rosto mas sereno, ergueu-se, rapida, a donzella, adiantou para elle e estendeu-lhe as duas mãos.

— Inspiro-lhe compaixão — minha senhora — balbuceou o Frederico — e comtudo, não sabe até onde chega a minha desventura.

— Sei tudo; o Senhor Sabino contou-nos tudo; e eu não tenho dó do senhor, admiro-o. Se soubesse quão grande me parece na sua desventura, se soubesse quanto o estimo n'este momento!

— Se soubesse quanto eu... exclamou o mancebo, mas conteve-se. A Amalia córára; ambos se callaram e o Frederico rompeu o silencio:

— O engenheiro.. já veiu? — vio-o?

— Ainda não; deve estar lá em baixo com o papá; ha tempo de sobejo para o vêr; agora, porém, diga-me o que tenciona fazer; se deveras somos amigos, dê me uma prova de que assim é — acrescentou sorrindo; — assomêmos juntos á janella do seu porvir.

— Cheguei já a essa janella; examinei os caminhos que ante mim se abriam — replicou o Frederico, — são dois: a instrucção publica e as bellas artes; vacillo, porém, entre a carreira de segundo tenor em theatros de provincia e mestre escóla em qualquer aldeia; creio que optarei pela escóla; d'esse modo será menos ruidosa a minha queda.

(Continúa) *Pin-Sél.*

HOSPITAL DE SANTO ANTONIO

Fundado por uma benemerita commissão de senhoras, o Hospital de Santo Antonio para creanças pobres é uma caridosa instituição que, como todas as suas congeneres, lucta ainda com as difficuldades proprias de um estabelecimento nascente. Temos presente um lucido relatorio do anno economico de 1896-97, e, pela sua leitura, vêmos que a sympathica iniciativa das caridosas damas, que fundaram o hospital, embora achasse uma decidida protecção na nossa sociedade, precisa ainda muito e muito de recrutar subscriptores que, com a sua generosidade, lhe permittam maior desafogo e até mesmo um certo desenvolvimento.

As gravuras da nossa pagina 200 representam a planta e o alçado de um edificio proprio para o hospital, mas cujo projecto não pode ter immediata realização, pela carencia quasi absoluta de meios. Publicando esse projecto, indicamol-o á generosidade dos nossos leitores, chamando a sua attenção para tão caritativo estabelecimento que, apesar da sua curta existencia e das suas reduzidas posses, tem já soccorrido um elevado numero de creanças.

Por ora apenas dispõe o hospital de 6 camas e 2 berços, e acha-se estabelecido na rua de Sant'-Anna, á Lapa, 38, em casa de renda; pelo que as illustres fundadoras anceiam por conseguir edificio proprio e alargar a sua acção beneficente.

E' tão singella e commovedora ao mesmo tempo a historia d'esta instituição, que não resistimos a transcrevel-a do relatorio citado, para conhecimento geral.

Escreve a relatora:

«A falta de cuidados e a muita miseria que as creanças pobres soffrem em sua casa, sempre, e sobretudo em occasião de doenças, despertaram em nós o desejo de lhes valer em tudo quanto estivesse ao nosso alcance.

Durante uns dias, pelo menos, teriam os remedios necessarios, os cuidados de medico, de enfermeira e uma boa alimentação.

Mas não era facil arranjar dinheiro para executar este projecto.

Juntámos as primeiras economias com a venda de estampilhas usadas, de jornaes antigos, etc., etc. Com essas economias compraram-se dois porcos que, depois de engordados de graça em propriedade de um bemfeitor, foram vendidos mais caros n'uma feira.

Augmentado o peculio d'esta fórma, compraram-se cinco ovelhas, que nos renderam a lã e as crias, por intermedio do mesmo protector.

E como estes, fizeram-se varios negocios pequenos. Distribuiram-se varios bilhetes de rifas; os premios d'estas rifas eram-nos sempre offerecidos por quem se interessava pelo nosso ideal: deramnos, por exemplo, d'uma vez um carneiro hespanhol, d'outra vez uma almofada de seda, etc., etc.

Mas tudo isto nos rendia muito pouco, tão pouco que, apesar de toda a nossa boa vontade, quando ao cabo de um anno nos reunimos para verificar o que existia em caixa, apenas contámos *duzentos mil réis* approximadamente.

Apesar de tudo a nossa alegria foi grande, pois aquelle dinheiro, ganho com o nosso trabalho e com o nosso enthusiasmo, já para nós representava alguma cousa. N'esse dia partiram-se varios migalheiros pertencentes a differentes socias, e cada um veiu augmentar o nosso contentamento.

Mas, se a alegria foi grande, a decepção não foi menor, ao vermos, depois de feitas as contas, quanto tempo nos faltava ainda para fundar o hospital, se não conseguissemos juntar mais duzentos mil réis por anno.»

Seguiram diversos donativos, e o producto obtido com uma *batalha de flores* no Campo Grande veiu augmentar bastante os fundos da nova instituição. Seguiram-se outras valiosas adhesões, ás quaes no relatorio se presta a devida homenagem e agradecimento; mas, a despeito de todos os esforços, não pode ainda a direcção erigir o edificio projectado, e que constitue o seu mais vivo anhelo, o seu mais vehemente desejo.

Nunca, entre os portuguezes, a caridade foi requerida em vão. O favor publico sustenta milhares de beneficas instituições. Oxalá! estas linhas despertem a attenção dos nossos amaveis leitores para o hospital de Santo Antonio, instituição meritoria e digna de todo o auxilio.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39